

Sony RDR HX910

Introdução

Se o consumidor aprendesse com o passado, a maioria das pessoas já teria percebido que gravar conteúdos, como filmes e séries de televisão, é um acto que serve essencialmente para a ilusão de posse... porque poucos são os que efectivamente revêem aquilo que gravam. Talvez isto aconteça porque o suporte das gravações, até há muito pouco tempo atrás, não era propriamente longo e prático – estou a pensar nas cassetes VHS, grandes, com acesso lento, sequencial, e uma fiabilidade mecânica discutível. Talvez as coisas mudem com suportes menos invasivos e melhor pesquisáveis, pelo seu acesso aleatório – estou a pensar em discos rígidos e em discos ópticos. Embora eu esteja convencido de que o fenómeno nada tem a ver com a natureza do suporte (as pessoas simplesmente não têm tempo para dar atenção ao passado, num presente cada vez mais rico, complexo e exigente), a indústria quer convencer-nos que assim é, que é uma questão de suporte, pelo que é compensador o salto para os gravadores digitais. Bastar-me-ia o argumento da ilusão de posse... porque não vejo demérito nas ilusões.

Vem esta introdução a propósito dos meus dias com o Sony RDR HX910: um gravador de DVD-Video (MPEG2), que suporta praticamente todo o tipo de discos ópticos (DVD+R, DVD-R, DVD-RW, DVD+RW, DVD+R Double Layer), com um disco rígido interno de 250 GB de capacidade. Quanto tive de entregar o aparelho, tinha o seu disco interno com tantos filmes, que não consegui transferir atempadamente, nem metade deles para DVD-R!

O HX910 é em tudo idêntico ao HX710, sobre o qual já opinei – a diferença é o disco rígido com maior capacidade de armazenamento (250 GB versus 160 GB), o que se traduz em muito mais horas de gravação... o que pode traduzir-se num pesadelo, no dia em que os conteúdos tiverem de ser despejados...

Como todos os outros gravadores MPEG2 que conheço, o HX910 consegue até 8 horas por cada 4.7 GB, ou seja, até 8 horas por cada DVD de uma só face e de uma só camada, quando a gravação se faz no modo de maior compressão/menor qualidade.

No caso dos Sony, os modos de gravação são: HQ+ (30 minutos por cada 4.7 G), HQ (60 minutos / 4.7 GB), HSP (90 minutos / 4.7 GB), SP (120 minutos / 4.7 GB), LSP (210 minutos / 4.7 GB), LP (180 minutos / 4.7 GB), EP (240 minutos, 4.7 GB), SLP (360 minutos / 4.7 GB) e ESP (480 minutos / 4.7 GB). O modo HQ+ tem de ser «forçado» pelo sistema de menús do aparelho pois, por defeito, a compressão MPEG2 mínima assegura 60 minutos por disco.

A questão cardinal é qual o modo que permite a melhor relação qualidade/espaco? Ao cabo de alguns gravadores testados, a minha resposta a esta questão amadureceu consideravelmente e é hoje «depende muito»... Útil, ah? Mas é verdade.

Um factor que influencia grandemente o modo a utilizar é a qualidade da imagem sintonizada pelo equipamento. Quanto pior for a qualidade de imagem sintonizada, menos recomendáveis são os modos de longa duração, porque as interferências que caracterizam a má qualidade são, do ponto de vista do compressor MPEG2, movimentos que têm de ser digitalizados e que, pela sua natureza aleatória, são um desafio. Uma imagem muito estável facilita extraordinariamente a obtenção de bons resultados, mesmo no modo ESP!, pelo que utilizadores com acesso a sinais RF CATV (Cable TV) de qualidade, são uns felizardos aos quais compensará explorar os resultados dos modos mais económicos.

No caso deste Sony HX910, a imagem registada é a imagem sintonizada directamente, mas noutros equipamentos, pode acontecer um processamento digital da sintonia, que até pode traduzir-se num tempo de atraso para a emissão em directo: são atrasos na ordem do 1 segundo, que só se detectam, se estiver disponível uma sintonia directa, para comparação. Curiosamente, este processamento digital pode ajudar à qualidade dos registos. Um bom exemplo é o Pioneer DVR 920HS, cujo tratamento digital da sintonia, elimina muitas pequenas interferências e contribui significativamente para imagens mais sólidas.

Outro factor muito importante é a natureza dos conteúdos que se vão registar. Mesmo quando se tratar de um filme de acção, o utilizador deverá ter em conta a presença de elementos como «barras» horizontais, para respeito à relação comprimento:altura. Essas barras são regiões estáticas que consomem uma porção considerável do quadro sintonizado, mas que são fáceis de representar em MPEG2, por serem constantes, ao longo do tempo. Nestes casos, assumindo uma sintonia de qualidade, deverá ser possível uma gravação de qualidade, mesmo em modo EP e seguintes (SLP...)!

Se o conteúdo é todo ele muito estático – está a ocorrer-me um filme horrível, de 2000, de Pedro Costa, intitulado «no quarto da Vanda» - então não se perde nada em ir ao limite (ESP) e ver os resultados – podem ser surpreendentemente aceitáveis!

Na realidade, os modos de alta qualidade, só deverão ser «mandatórios» para conteúdos únicos, como gravações de família. Todos os outros conteúdos merecem experiências. No caso do Sony HX910, estabilizei nos modos EP para filmes e séries (de forma a conseguir uma média de 2 filmes ou 4 episódios, por DVD), e ESP, para tudo o mais. Consegue-se uma economia considerável.

O Sony RDR HX910 é uma máquina *slim*, com poucos centímetros de altura. A frente apresenta a gaveta para o disco óptico ao centro, o mostrador LCD à esquerda e teclas para acesso directo às funções básicas: on/off, open/eject, play, stop, pause, rec, rec-pause e rec-stop. Também no telecomando as teclas para stop da reprodução e da gravação são separadas, o que é positivo. Os botões DVD e HDD permitem comutar o destino das gravações entre disco óptico e disco rígido. Uma tampa rebatível abriga a entrada LINE2

e teclas para outras funções importantes: subir/descer de canal, avançar/recuar de faixa e mudar o modo de gravação.

O RDR HX910 grava vídeo analógico, pelo seu sintonizador integrado e pelas entradas LINE1 (scart), LINE3 (scart) e LINE4 (vídeo composto + s-vídeo + áudio estéreo), residentes na parte de trás do aparelho. No painel frontal, o conjunto LINE2 é equivalente ao LINE4, acrescido de um *input* digital DV-IN, dedicado a câmaras de vídeo DV. A ficha LINE3 pode ser ligada a um descodificador, para situações de emissões codificadas, como os canais Lusomundo, em Portugal.

Estão disponíveis saídas de vídeo analógico, por componentes, s-vídeo e por vídeo composto; e saídas de áudio digital por fichas óptica (toslink) e coaxial. Não está disponível nenhuma saída de vídeo digital (por exemplo, DVI).

A configuração inicial do HX910 faz-se em nove passos: [1] qual a língua para o sistema de menús? (está disponível o português); [2] qual o país? (está disponível Portugal e esta opção tem impacto nas frequências pesquisadas, aquando da sintonia automática); [3] sintonia automática, devidamente acompanhada por um gráfico de progresso; [4] acerto automático do relógio do sistema; [5] qual o tipo de televisor? (16:9, 4:3 LB, 4:3 Pan Scan); [6] a saída por componentes está activa? (terá que responder sim, para utilizar a função de vídeo progressivo); [7] está ligado um descodificador, na porta LINE3?; [8] qual o tipo de cabo scart que vai usar em LINE1? (RGB, s-vídeo, ou vídeo composto); e [9] qual a saída de som activa? (LINE2/estéreo ou uma das saídas digitais).

Feitas as ligações e configurado o aparelho, gravar está à distância de um click no botão de REC...

Opinião

Numa só frase, o Sony RDR HX910 é um muito bom gravador de DVD-Vídeo. Mas pode ser melhorado.

Por exemplo, descobri um problema de compatibilidade entre as gravações feitas pelo equipamento e o meu leitor Pioneer DV-505, mesmo com discos DVD-R perfeitamente finalizados: o DV-505 reconhece lindamente o menú criado pelo Sony e consegue reproduzir todos os capítulos, de todos os títulos, mas sempre com umas barras verticais (repito: verticais), que transformam a imagem numa «torre» que não respeita a relação comprimento:altura original. Este problema não se manifestou em nenhum outro leitor, mas também não o tinha sentido com nenhum outro gravador.

Uma funcionalidade muito interessante e muito útil para efeitos de navegação, é a marcação automática de capítulos, durante a gravação dos títulos, quando a máquina detecta mudanças de cena, ou em intervalos regulares de tempo, definíveis pelo utilizador. Uma gravação destas pode

depois ser navegada visualmente, de forma muito eficaz (função visual search).

A finalização dos DVDs criados poderia (deveria!) ser mais fácil e mais destacada, porque não surge no menú da função dubbing. A finalização obriga a que o utilizador escolha explicitamente o suporte DVD e depois peça as ferramentas de contexto (tools), onde deverá surgir uma opção de info, que há-de conduzir a um écran, onde o encerramento do disco óptico será possível.

Uma vez que o processo de finalização obriga a pôr a máquina em modo DVD, fica cancelada a possibilidade de qualquer acesso ao HD, durante os aproximadamente três minutos necessários, o que me parece condicionante: noutros equipamentos, a finalização consta do menú de dubbing e pode ser feita em simultâneo com a utilização do disco rígido porque, de facto, é um processo independente.

Uma outra melhoria que a Sony poderia fazer, e que corresponde a uma chatice que já era tradição nos seus vídeogravidores VHS, tem a ver com a descodificação automática dos canais codificados. Tal como estão as coisas, mesmo depois do utilizador ter sintonizado todos os canais e indicado quais os protegidos, a primeira descodificação, depois de se ligar o HX910, obriga a uma visita ao sistema de menús, mesmo que para fazer nada!, pois sem essa visita, a máquina simplesmente não activa a descodificação.

Feita uma visita que seja ao sistema de menús, a descodificação fica perfeita, para todos os canais autorizados, mas deveria ter bastado o canal estar indicado como exigindo descodificador.

Quando se escolhe um registo/um título da lista de títulos presentes num suporte que permita regravação (como HD ou DVD+RW), surge um menú com as opções de erase (apagar), protect (prevenir o apagar), dubbing (transferir de suporte), title name (para dar nome), delete chapter (para apagar algum capítulo dentro do título), a-b erase (para apagar um troço dentro do capítulo), divide (para quebrar o título, alures), e thumbnail (para mudar a imagem que serve para a representação iconográfica do título). Este menú reafirma a qualidade geral da interface do aparelho.

De referir que é possível ver um conteúdo já gravado, enquanto decorre uma gravação. Até é possível ver o título que está a ser gravado no momento, desfasado da emissão directa, o que é muito útil para que o utilizador possa ser flexível em relação aos horários, da programação que elege ver.

O HX910 reconhece ficheiros JPG (em CD ou DVD), MP3 (apenas em CD), discos CD-Áudio, discos DVD-Vídeo, VCD e SVCD. A qualidade de reprodução também é muito competente e só lhe falta uma saída de vídeo digital, para ser uma alternativa a bons leitores dedicados.

Resumo

O Sony RDR HX910 é um gravador de MPEG2, em disco óptico e em HDD interno, de 250 GB de capacidade, com durações por título entre os 30 minutos e as 8 horas, por cada 4.7 GB.

A qualidade de gravação é boa ao extremo de serem possíveis registos muito aceitáveis, no modo mais económico, dependendo da qualidade da sintonia e da natureza do conteúdo.

Ao preço, é recomendado!